

A leitura em/de uma biblioteca escolar em La Habana

Reading in/of a school library in La Habana

La lectura en/de una biblioteca escolar en La Habana

Naiane Carolina Menta Tres*
Elisa Maria Ficanha Furlan**

Resumo: O presente artigo consiste na análise de uma biblioteca escolar de La Habana, Cuba, por meio da entrevista com a bibliotecária responsável e do referencial teórico organizado. A proposta de pesquisa surgiu através de uma viagem para o país, incluindo uma visita ao espaço escolar, no primeiro semestre de 2018. A temática se justifica pelo interesse no divulgado bom desempenho educacional de Cuba e na oportunidade de aprofundar o conhecimento de mediação leitora em um país pictórico. Para a realização da análise, levou-se em conta o relato da visita e a entrevista realizada com a mediadora de leitura, bem como algumas considerações em torno do sistema educacional cubano e seu histórico, a fins complementares. Os resultados permitiram identificar que o acervo da biblioteca escolar localizada em La Habana é composto por número considerável de livros didáticos e literários, além de apresentar outros materiais como cartazes temáticos, revistas, mapas, entre outros. O empréstimo de acervos é aberto à comunidade, sem cobrança de multa por atrasos ou falta de devolução; há um incentivo institucional para que a família seja inserida no sistema educacional – sobretudo no caso dos alunos menores –, e a leitura assume o aspecto socializador e de comprometimento com a formação leitora, considerando as observações realizadas.

Palavras-chave: Leitura, Biblioteca escolar, Mediação leitora.

Abstract: This article consists of an analysis of a school library in La Habana, Cuba, through an interview with the responsible librarian and an organized theoretical framework. The research proposal came about through a trip to the country, including a visit to the school space, in the first semester of 2018. The theme is justified by the interest in the publicized good educational performance of Cuba and the opportunity to deepen the knowledge of reading mediation in a pictorial country. In carrying out the analysis, the report of the visit and the interview with the reading facilitator were taken into account, as well as some considerations about the Cuban educational system and its history, for complementary purposes. The results made it possible to identify that the collection of the school library located in La Habana is composed of a considerable number of didactic and literary books, in addition to presenting other materials such as thematic posters, magazines, maps, among others. The loan of collections is open to the community, without a fine for delays or failure to return; there is an institutional incentive for the family to be inserted in the educational system – especially in the

* Professora da área de Ensino de língua espanhola na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Realeza/PR. Doutoranda em Letras pelo PLE da Universidade de Maringá (UEM). E-mail: naianementa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3007419395783483>.

** Licencianda em Letras Português Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: elisaf.letas@gmail.com. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3317294498634252>.

case of underage students –, and reading takes on the socializing and commitment aspects to reading training, considering the observations made.

Keywords: Reading, School library, Reading mediation.

Introdução

Este artigo surgiu a partir de uma viagem com fins acadêmicos para Cuba. O deslocamento até La Habana era para a participação em um evento sobre leitura, e como a chegada aconteceu uns dias antes do início do congresso, foi possível aproveitar o tempo para aproximar-se do sistema de vida local. Através do contato com uma professora de inglês – que nas horas vagas trabalhava de guia turística em uma *free walking tour* – se descobriu a possibilidade de conhecer uma escola de nível primário, em frente à Plaza Vieja.

Agendada a visita, a diretora estava ocupada e encarregou a bibliotecária de fornecer um *tour* pela escola. Nesse momento começava a se estruturar este artigo, com o objetivo de retratar como é uma biblioteca escolar em um país tão singular como Cuba e revelar, através da entrevista com uma bibliotecária, como ocorrem os compartilhamentos de leitura naquela realidade. A temática se justifica pelo interesse no funcionamento educacional do país e na oportunidade de aprofundar o conhecimento da mediação leitora na escola.

Em muitos países, a escola é a instituição responsável pela formação de jovens leitores, como é o caso do Brasil, segundo Zilberman (2012). A biblioteca escolar possui uma parcela grande na realização desse projeto, pois além de guardar, proteger e ser o espaço para organizar os materiais de leitura, é através do apoio de bibliotecários e professores que ocorre a circulação desses materiais e a mediação leitora (RASTELI, 2013).

A partir da citação de Petit, pode-se refletir sobre a função de uma biblioteca: “por guardar esos objetos en su corazón, las bibliotecas tendrían una vocación particular de ser el lugar de los vínculos [...]” (2015, p. 194). A verificação de como se estabelece esse espaço de vínculos entre leitor e material de leitura, mediados por uma bibliotecária escolar, dar-se-á por meio de um capítulo teórico intitulado *Bibliotecas e a circulação social dos materiais de leitura*, subdividido em uma parte dedicada para as bibliotecas escolares. Além disso, será apresentada a análise da entrevista a partir de *A realidade de uma biblioteca escolar cubana*, buscando conhecer a biblioteca, já que a tecnologia tem impactado as bibliotecas do mundo e sabe-se que o acesso à internet e aos meios digitais é limitado no país.

1. Bibliotecas e a circulação social dos materiais de leitura

A biblioteca é a instituição responsável pela conservação e circulação dos materiais de leitura pela sociedade. Podendo ser pública, privada, comunitária ou particular, as bibliotecas possuem traços específicos. Ao refletir sobre as bibliotecas, Hauser (1977, p. 640) afirma que “El rasgo más diferenciador entre el establecimiento de una colección privada y otra pública estriba en que en el primer caso el acto parte de una relación positiva existente ya entre producto y recepción, mientras que en el otro aún hay de establecerse”. Diferente das bibliotecas particulares, as bibliotecas abertas ao público estão determinadas pela forma como são administradas e pelas características de seus usuários, sendo definidas como “equipamentos multiculturais e pluralistas” (RASTELI, 2013), voltadas para as habilidades comunicativas e informacionais.

Sendo assim, as bibliotecas abertas ao público são comparáveis aos museus:

En cierto aspecto la biblioteca es la institución más parecida al museo entre las mediadoras entre producción y recepción espiritual. [...] Ciertamente, ambos son colecciones de obras para conservar, destinadas a la continua oferta y recepción. Mas en un caso se trata de productos originales de arte, en el otro de meros apuntes, cuyo significado no se manifiesta sino en su recepción. (HAUSER, 1977, p. 639)

A comparação feita por Hauser auxilia na reflexão da função desses espaços, também denominados por Flusser (1983) como instrumentos de ação cultural, sentido sobre o qual o autor reitera que a cultura pode ser herdada ativamente, ao reelaborarmos os conteúdos sociais recebidos; ou passivamente, sem modificação desses conteúdos. Ao que, é justamente no entremeio que está a biblioteca, enquanto ação cultural, assumindo a característica de compor e representar a cultura local, regional, nacional e mundial.

Na mesma perspectiva, pode-se citar a importância desses espaços para o desenvolvimento de ações culturais diversas – promoção de peças teatrais e exposições, divulgação de informações locais, criação de concursos culturais, entre outros –, observando o objetivo comum de construção de interações sociais.

É preciso considerar que o espaço bibliotecário é caracterizado em três principais períodos, sendo eles:

[...] a biblioteca tradicional (de Aristóteles até o início da automação de bibliotecas), a biblioteca moderna ou automatizada (em que os computadores foram usados para serviços básicos, como catalogação e organização do

“estoque”/acervo) e [...] a biblioteca eletrônica (a biblioteca do futuro, pensada como uma nova estratégia para o resgate de informações, onde o texto completo de documentos está disponível on-line) (LANDONI, 1993 apud MARCHIORI, 1997, p. 02).

Assim, embora não se exclua as demais características, períodos e sua importância frente ao desenvolvimento do sistema de informação e comunicação, salienta-se que a percepção de biblioteca de que tratamos aqui se aproxima em muito com a de tipo tradicional, referenciada por sua relação intrinsecamente física entre leitor-ambiente-livro, ou seja, àquele espaço que permite o contato físico dos leitores com as obras.

Ao reiterarmos esta perspectiva, entendemos que, entre outros pormenores, a biblioteca “favorece a interação pessoal e que, por mais ágeis que sejam os novos meios eletrônicos de comunicação, eles nunca irão se constituir em um substituto completo da interação face a face” (MARCHIORI, 1997, p. 09). Trata-se assim da biblioteca enquanto anseio para a leitura física e para a interação e mediação humana. Por consequência, a interação e mediação humana no espaço de uma biblioteca possibilitam que a leitura assuma o caráter socializador, intrinsecamente importante na formação do leitor. Por meio deste aspecto socializador, as bibliotecas favorecem não apenas a circulação dos materiais de leitura e o espaço para promoção da leitura coletiva, mas impactam também no processo de ensino-aprendizagem, que adquire maior relevância para o leitor.

No espaço de uma biblioteca, esse processo de leitura socializadora pode adquirir ainda a função de auxiliar os leitores a encontrar o “prazer da leitura” (AZEVEDO, 2004), geralmente referido aos primeiros contatos com as obras culturais, o que exige frequência e capacitação por meio do aluno e mediação de um adulto. No mesmo sentido, Azevedo (2004, p. 2) destaca que:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida.

O processo de formação leitora considera a importância do compartilhamento de informações, ao que retomando o espaço bibliotecário, pode-se atribuir às várias maneiras de trabalho incentivadas pela promoção da leitura coletiva. Tomemos como exemplo prático a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a qual ao ser lida de maneira ativa pode indicar uma perspectiva quanto à relação dos personagens Bentinho, Escobar e Capitu; porém, a

mesma obra ao ser lida por várias pessoas pode estabelecer um debate diante dos acontecimentos literários da trama, processo no qual a leitura assume o seu caráter de compartilhamento e socialização. Ler, é assim, um ato que pode primeiramente ser solitário, mas tende a ser compartilhado para efetivar-se de fato.

Um dos elementos fundamentais para o funcionamento de uma biblioteca de tipo tradicional e aberta ao público é a figura do bibliotecário, responsável entre outras atribuições pela catalogação e empréstimo do acervo. Considerando a biblioteca enquanto espaço de ação cultural, esse agente pode ainda assumir a função de “bibliotecário-animador”, ou seja, pessoa caracterizada como “agente catalisador desta ação, ação cultural” (Flusser, 1983, p. 166).

Alguns autores como Rasteli; Cavalcanti (2014) situam que tal termo utilizado na década de 80 é semelhante ao de “mediador cultural”, empregado na atualidade por pesquisadores de áreas afins, tendo como mesma referência ao profissional responsável pela mediação de relações sociais através do uso de instrumentos culturais, tal qual o bibliotecário na sua práxis social. Em mesmo sentido, a mediação cultural é entendida como algo processual, “que possibilita o encontro, o acesso e a apropriação” (ibid., p. 47), comportando variadas atividades e sendo a biblioteca o espaço destinado à apropriação destas atividades.

Outro aspecto das mediações culturais, ressaltado pelos autores, é a ocorrência em espaços públicos, onde o encontro entre as formas coletivas e de representação singular pode ser observado. É o caso das bibliotecas escolares. A isto se considera uma relação amistosa entre bibliotecários e leitores, efetiva para a promoção da leitura. Como relata Petit (1999, p. 186):

Algunos bibliotecarios saben, en efecto, deslindarse de la imagen empolvada del antiguo conservador de libros y bajan los libros de su inaccesible pedestal de modo que la biblioteca sea como lo deseaba una muchacha que nos dijo: ‘¿La biblioteca ideal? Aquella en la que entras, buscas algo, un libro, y luego descubres otro’.

Para a autora, os bibliotecários, agentes da mediação cultural, podem desenvolver a função de mediadores de livros, função similar a que Rasteli (2013) denomina como “mediador de leitura”. Em ambas as definições, considera-se como um dos requisitos para essa função a de que o bibliotecário seja leitor e esteja disposto a exercer a função de aproximar leitores das obras. Independentemente da idade, muitos leitores ou não-leitores precisam desse auxílio na conexão, seja para localizar uma obra específica ou para descobrir novas leituras, com influência na escolha.

A mediação é ainda caracterizada pelas múltiplas funções englobadas na ação de mediar a informação, tendo em vista que o bibliotecário pode realizar mediações de tipos implícita e explícita (RASTELI, 2013). Segundo o autor, a mediação implícita é exercida sem a presença física dos leitores, em processos como seleção, armazenamento e processamento de informações e obras, bem como adequação do espaço físico e formação de acervo. Já a mediação explícita ocorre com a presença dos leitores, marcada pela interação entre os sujeitos e caracterizada pela mediação da informação nas etapas de leitura, pesquisa, serviços de referência e uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC's) para os processos concernentes.

Cabe, entretanto, ressaltar que indiferente ao modo de mediação ocorrido, a figura do bibliotecário se faz elementar em uma biblioteca. Segundo Patte (2012, p. 84):

A biblioteca é um lugar onde quase todo conhecimento e toda experiência podem, de certa maneira, ser transmitidos e comunicados, com a mediação sempre possível de adultos disponíveis que, por escutarem a criança, a tornam capaz de ouvir e de se interessar. Valorizando a sua demanda, eles a ajudam a desenvolvê-la e a enriquecê-la. Não se trata simplesmente de “questões informativas”. A demanda é muito mais vasta.

Assim, o bibliotecário assume o elo entre o leitor e o livro, por meio da perspectiva de que “o conhecimento, a partir das informações, constrói-se na relação com o mundo, com os outros homens, quando se dá na biblioteca, o bibliotecário é elemento chave nessa construção de sentidos, de significados” (RASTELI, 2013, p. 56). Essa mediação, na realidade de jovens leitores, como Patte cita as crianças, é de fundamental importância. Podendo ser desenvolvido por um pai ou avô, que leva o pequeno leitor ao espaço, assim como por funcionários da biblioteca que desempenhem ações de incentivo à leitura, como contação de histórias ou atividades lúdicas que integrem o leitor e o material lido.

Através dessa moderação é possível que os pequenos leitores tenham contato com obras literárias, e por meio da experiência compreendam a possibilidade que os livros oferecem, as quais, segundo Flusser, podem ser assim definidas: “A característica primeira do livro numa biblioteca-ação cultural é que ele não é mais objeto, mas elemento numa cadeia comunicológica” (1983, p.166). É por meio do livro que o diálogo entre leitor e autor então se concretiza.

A mediação cultural exercida em uma biblioteca pela figura de um profissional bibliotecário é parte de um processo comunicativo, o qual envolve a transformação de informações em conhecimentos e de produtos em bens culturais, sendo necessária para a

preservação e circulação social das informações, segundo Rasteli; Cavalcante (2014). Há de se considerar ainda que o leitor que frequenta o espaço bibliotecário não é apenas decodificador de produtos, uma tábula rasa, mas também produtor de novos significados, aos quais ressignifica. Ao ler um determinado texto, o leitor apropria-se de seu conteúdo, modificando a informação mediada – pelo mediador de leitura – e junto a saberes já apropriados gera novos conhecimentos, provocando transformação social.

É também por meio dos livros, e de seu acervo de cunho cultural como um todo, que uma biblioteca se tange nas várias representações ligadas ao conhecimento. Considerando a formação de leitores,

é necessário que se tenha uma biblioteca pública viva e atuante, onde esse espaço seja um recurso educativo, cultural, pedagógico, amplo, com acervo diversificado, atualizado e dinâmico. Também, nesse espaço, devem ocorrer práticas interativas e mediadas auxiliando no desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, traduzindo-se em competências leitoras (RASTELI, 2013, p. 74).

Assim como Petit, Patte acredita na biblioteca para além de, conhecidamente, um local de silêncio, um ponto de encontros.

O que a biblioteca pode oferecer são encontros. Encontros com livros apaixonantes, comoventes, divertidos, esses livros tão bons que seria uma pena não toparem com eles no caminho. E são esses encontros que farão a diferença na formação leitora dos alunos, na escrita deles, na capacidade de concentração e atenção ao que lê, o que acaba influenciando para um bom rendimento em todos os meios em que eles atuam. (PATTE, 2012, p. 13)

Apesar da ideia de biblioteca estar voltada aos livros – e, em especificidade, aos de tipo físico, palpáveis e maleáveis –, acredita-se que a formação leitora englobe dois aspectos. Não necessariamente ressalta-se uma ordem de importância, mas se identifica aqui o primeiro como o aspecto físico, pois se espera que uma biblioteca tradicional seja formada por um espaço físico adequado, acolhedor aos anseios do leitor, e que possua um acervo rico e capaz de conquistar novos sujeitos. O segundo aspecto é o pessoal, já que não se faz uma biblioteca sem pessoas, pois depende de escritores, editores e, mais proximamente, do grupo que realiza a escolha do acervo, a opção de como dispô-lo e a maneira como se faz para que essas obras circulem socialmente.

Flusser ainda nos oferece outras possibilidades quanto à atuação de uma biblioteca, ou centro cultural, como o autor opta ao considerar o contexto de inserção e a função do espaço:

Em termos práticos, a biblioteca-centro cultural é um centro que, a partir da cultura literária, irradia estímulos em direção de um grupo determinado de pessoas (estímulos esses frutos de um trabalho de interação biblioteca-centro cultural com a população dada), que tem por meta o desenvolvimento cultural integrado da comunidade (FLUSSER, 1983, p. 166).

Da mesma maneira, o autor considera que “para que uma biblioteca possa vir a ser uma biblioteca-ação cultural é necessário que ela se volte para o não público” (ibid., p. 162), ou seja, para aqueles não privilegiados pela cultura devido a aspectos socioeconômicos diversos.

Segundo o autor, essa é a missão de uma biblioteca pública, indiferente aos modelos como pode ser apresentada (física, virtual, digital): possibilitar que o não-público compartilhe das ações culturais, assumindo um interdiscurso e rompendo com a cultura de silenciamento, tendo como princípios fundamentais “a procura do contato com o não-público e a síntese dialética entre criação e mediação cultural” (FLUSSER, 1980, p. 136).

A atuação de uma biblioteca não se finda assim na oferta de leitura de livros e de mediação leitora – embora seja assim reportada no imaginário social, muitas vezes, aquelas de tipo tradicional – sendo igualmente importante o suporte que acontece posteriormente, como através da disponibilização de documentos aos leitores. Segundo Rasteli; Cavalcante (2014), a formação de sujeitos leitores inclui a criticidade, aguçada mediante a crítica da realidade e o confronto das mais diversas situações.

A essa potencialidade da biblioteca enquanto espaço de mediação cultural, Rasteli; Cavalcante (2014) denominam “sociabilidade”, que, segundo os autores, refere-se à consideração da comunidade e das culturas imbricadas, o que por consequência resulta em “um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida” (ibid., p. 47). Igualmente, o compartilhamento de saberes e a produção de conhecimentos individuais e coletivos torna a experiência da biblioteca pública significativa socialmente, assim como deve ser com as bibliotecas escolares.

1.2 Bibliotecas escolares

As escolas, como instituições responsáveis pela formação leitora, precisam de um espaço para que pesquisas sejam realizadas e para que o incentivo leitor ocorra. Obviamente, esse incentivo não se restringe ao local da biblioteca nem ao seu material disponível, mas a consolidação de um espaço específico para a leitura é um avanço inicial na mediação de leituras. Esse espaço, na realidade escolar, pode ser desenvolvido em uma biblioteca própria

da instituição, mas não fechada em si mesma, já que pode atender toda a comunidade escolar, não restringindo seu público apenas aos alunos.

A biblioteca escolar de que tratamos pode então assim ser definida:

Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da **facilitação dos serviços de informação**, em benefício do desenvolvimento do currículo e da **competência do aluno para aprender a aprender**. (VÁLIO, 1990, p. 20, grifos da autora)

Assim, busca-se uma biblioteca escolar que seja capaz de aproximar seus usuários de materiais de leitura variados – e de objetos de leitura que nem sempre teriam acesso em casa – promovendo assim a democratização da leitura; além de permitir ser um espaço que promova o aprendizado e estimule a leitura para além dos muros da escola. Nesse sentido, é preciso considerar que: “La biblioteca escolar es un servicio de información para todos los miembros de una comunidad educativa, que forma parte de los espacios y los procesos pedagógicos que tienen lugar en los centros escolares” (MARTOS; CAMPOS, 2013, p. 67).

Segundo Riter (2009, p. 70), “em relação a função de uma biblioteca escolar, percebe-se que ainda, em muitas delas, as bibliotecas são vistas como depósito, como castigo, como templo. Em outros momentos, o acesso à biblioteca é livre, mas completamente desorientado”. Nota-se que Riter descreve situações que não condizem com a função que a biblioteca escolar deveria assumir, porém, por falta de estrutura física e/ou de pessoas capacitadas nas escolas, as bibliotecas muitas vezes se tornam depósitos de atividades realizadas por alunos ou ambiente para repreensão de conduta estudantil. Ao que Miranda (1978, p.75) apresenta o anseio: “E se o leitor não se torna um amigo e um aliado, então como esperar que ele ame, use, defenda e preserve as coleções de sua biblioteca? ”.

E se o leitor, também aluno, não defender e preservar as obras deste espaço cultural, como manter a importância social da leitura? Como garantir que o não-público tenha acesso à cultura?

A biblioteca vista como templo também é algo preocupante. Tida como espaço de silêncio e de conservação, a biblioteca tem sua função limitada a guardar materiais, que se tornam intocáveis aos alunos. Sem empréstimo de livros, por exemplo, e no desejo de conservar os materiais, a biblioteca perde o objetivo principal, que seu acervo seja lido. Já no caso da

desorientação, muitas vezes é decorrência de má administração governamental, porque não inclui o bibliotecário como profissional atuante na escola e sobrecarrega professores que desejam utilizar o espaço e o acervo. Isso porque a falta de uma pessoa responsável pela mediação leitora específica do local faz com que professores tenham que se ocupar da organização, empréstimo de material e condução de atividades no espaço, tudo isso durante a aula, juntamente com a mediação aos alunos.

Complementar a esta ideia, segundo Michèle Petit,

El gusto por leer no puede surgir de la simple frecuentación material de los libros. Un saber, un patrimonio cultural, una biblioteca, pueden ser letra muerta si nadie les da vida. Sobre todo si uno se siente poco autorizado para aventurarse en la cultura letrada debido a su origen social o al alejamiento de los lugares del saber, la dimensión del encuentro con un mediador, de los intercambios, de las palabras “verdaderas” es esencial. (Petit, 1999, p.159-160)

A solução para dar vida a uma biblioteca, segundo a autora, se desenvolve através da presença de um mediador que seja capaz de valorizar o patrimônio cultural e fazê-lo circular socialmente, considerando a sua potencialidade enquanto “depósito da herança cultural”, termo usado por Flusser (1980).

Isso porque, para Patte (2012, p. 313), “o que se passa na escola em torno da leitura determina fortemente se a criança vai poder viver livremente a biblioteca, lugar onde estão lado a lado crianças de todas as idades”. A maneira como a escola delimita o uso da biblioteca, se há um bibliotecário ou qual a formação de seu mediador, o público que frequenta, o acesso ao acervo, essas e outras características afetam a funcionalidade da biblioteca escolar.

Ainda, segundo Miranda (1978, p. 74), “a biblioteca pode oferecer toda sorte de serviços sem, porém, desvirtuar sua missão fundamental de promover o gosto e o hábito da leitura. Todas as atividades que ela organize devem servir para atrair e conquistar o leitor para tal missão”.

Igualmente às bibliotecas públicas não inseridas em meio escolar, as bibliotecas escolares também têm como objetivo instigar leitores e não-leitores (ou não-público, segundo Flusser, 1983), sobre o que há de se considerar que “somente uma política de leitura compromissada com a circulação de livros, providenciando a oportunidade de acesso aos acervos das bibliotecas escolares, pode transformar o não-leitor” (VÁLIO, 1990, p.22). A política de leitura de que tratamos vai ao encontro de uma percepção crítica e reflexiva da realidade e tende a englobar todos os alunos em suas especificidades ou, ao menos, é o que

estipula a teoria respaldada pelos documentos oficiais e assegurada pelos direitos humanos universais.

Nessa realidade, um aspecto há de ser considerado acerca das bibliotecas escolares tradicionais: é preciso que elas sejam de fato escolares, que assumam as características de seus usuários, que sejam compostas das mais diversas obras, sem esquecer do compromisso de promoção local e regional, que permitam a circulação dos materiais e, concomitantemente, conscientizem seus usuários sobre a manutenção e conservação dos mesmos. Que assumam junto a um mediador cultural-bibliotecário, professor, entre outros, a capacidade interativista e comunicativa e, sobretudo, que se estabeleçam como espaços de leitura compartilhada e do diálogo resultante desse processo.

Como é sabido, as bibliotecas escolares, muitas vezes, são compostas de déficits, tais como a carência de materiais, pessoal qualificado para o trabalho, espaço físico adequado, acervo atualizado, recursos de incentivo, condições para a promoção das TIC's, entre outros; consideramos, entretanto, necessária, mas não imprescindível na totalidade, a superação de tais condições para um desenvolvimento efetivo educacional e social homogêneo.

A partir desse pensamento e das considerações em torno das bibliotecas escolares é que se parte para a análise das respostas da bibliotecária da escola de La Habana, objetivando verificar o acervo e as propostas desenvolvidas na biblioteca.

2. A realidade de uma biblioteca escolar cubana

A educação cubana, reiteradamente notada pelo seu desempenho, é considerada como um dos pilares fundamentais do país, “sendo também um compromisso vital que tem o Estado com sua própria sociedade” (LÓPEZ, 2011, p. 55), estipulada legalmente pela *Constituição da República de Cuba*, em vigor desde 1976. Segundo a autora, são princípios básicos da política educativa cubana: abrangência da educação em diferentes tipos de ensino e níveis de educação; combinação do estudo com o trabalho; coeducação com igualdade de direitos aos cidadãos; gratuidade do sistema de ensino, bem como o caráter democrático que estimula a participação ativa dos variados segmentos sociais na educação.

Para a consolidação do sistema educativo nos moldes atuais, a autora ainda destaca algumas etapas de importância, tais quais a erradicação do analfabetismo em 1961 – *Año de la Educación*, segundo Szezecinski e Hauser (2017) –; a consolidação do Sistema Nacional de Educação com o acesso universal à educação de nível médio, em 1970; a definição de metas voltadas ao máximo desenvolvimento humano do povo cubano como um todo, a partir do início

do século XXI; e o momento atual, em que a educação preza, entre outros valores, pelo acesso à cultura geral e pela aspiração ao sentimento revolucionário e pátrio.

As autoras Szezecinski e Hauser (2017) destacam que, a partir de 1961, o sistema educativo fora composto de três pilares: “1) escolarização de toda população infantil; 2) campanha nacional de alfabetização e 3) garantia de estudos pós-alfabetização” (ibid., p. 6), o que foi alcançado pela participação comunitária no processo de ensino-aprendizagem, tendo como lema “*el que sabe, enseña al que no sabe*”, resultando em maior acesso ao ensino superior, seletivo, porém universalmente gratuito.

Em concernência, o Sistema Nacional de Educação de Cuba é responsável pelas ações relacionadas ao ministério, bem como pelo monitoramento e garantia dos níveis de ensino, sendo eles: educação pré-escolar (0 a 5 anos), educação primária (6 a 11 anos) e educação média – que engloba a educação secundária básica (12 a 15 anos) e a pré-universitária (15 a 18 anos). Nesta última, o estudo é orientado por institutos pré-universitários vocacionais, como os de Ciências Pedagógicas (com formação em licenciados em educação), os de Ciências Exatas (com formação em carreiras de desenvolvimento científico), e os de tipo Militares (com formação em carreiras de mesmo perfil).

Após, segundo López (2011),

Todos os estudantes que concluem seus estudos de nível médio superior têm possibilidade de optar por qualquer das diferentes carreiras universitárias, conforme a demanda do país para seu desenvolvimento no prazo de cinco anos. Para ingressar nas carreiras universitárias, o estudante deve ter concluído satisfatoriamente seus estudos nesse nível, além de realizar exames de ingresso nas disciplinas de Espanhol, Matemática e História de Cuba e ser aprovado (LÓPEZ, 2011, p. 62)

A autora ainda destaca que em Cuba existem outros níveis de ensino, como a Educação Especial, após comprovada necessidade e especificidade; Educação Técnica e Profissional, voltada ao mercado de trabalho necessário ao país; Escolas de ofício para preparar operários qualificados; Escolas Pedagógicas voltadas à formação de professores; Educação de Adultos, referente à formação básica de trabalhadores adultos para posteriormente ingressar no ensino técnico – “subdivido nos níveis de Educação Operário-Camponesa, Secundária Operário-Camponesa e Faculdade Operário-Camponesa, com estudos equivalentes a Primária, Secundária e Pré-Universitária, respectivamente” (LÓPEZ, 2011, p. 63); e a Educação Superior, organizada pelo Ministério da Educação Superior.

Nesse sistema, a escolha dos níveis de ensino e consequente prosseguimento dos estudos é viabilizada mediante histórico escolar e comprovação das habilidades, sempre observando as necessidades nacionais.

Passemos então à análise da biblioteca, a qual parte de duas principais fontes: as respostas da bibliotecária entrevistada e as observações e anotações realizadas pelas pesquisadoras. Para isso, se faz necessário trazer alguns dados da bibliotecária, para maior profundidade das análises. A participante da pesquisa declarou ter realizado sua formação em *Bibliotecología y sistemas de la información*. O curso corresponde ao nível técnico secundário em Cuba e se complementa com a vasta experiência adquirida, já que a bibliotecária relatou possuir trinta e três anos de experiência e ter trabalhado em bibliotecas que atendem distintos níveis de ensino.

A bibliotecária relatou que o curso de nível técnico realizado parte de uma visão de biblioteca baseada nos pilares de acervo e circulação. Ou seja, uma preparação voltada não apenas para o arquivamento e cuidado com o patrimônio, mas também com a função social da leitura e a formação leitora. A participante da pesquisa desenvolveu seu trabalho ao longo dos anos “[...] *con distintas niveles de enseñanza, en secundaria, en pre universitario, pero lo que más me motiva es la enseñanza primaria, porque es donde se ve de verdad el resultado del trabajo con los niños*”.

Destaca-se que existe por parte da mediadora de leitura uma vasta experiência, passando por realidades distintas ao longo do exercício de sua função. A diferença destacada está no público-alvo das bibliotecas em que trabalhou. O sentimento de orgulho de sua função é observado ao falar no trabalho com os primeiros anos do ensino básico, justificados pela verificação de resultados. A faixa etária dos alunos a que se compreende a fala da bibliotecária é a de aquisição da leitura, portanto o desenvolvimento desses jovens leitores é mais significativo. Por ser uma atividade recente para os estudantes, marcada pela curiosidade, também existe um maior deslumbre com o ato de ler, o que faz com que o envolvimento com livros e outros suportes pareça ser maior ou mais intenso.

Ao salientar o trabalho com os pequenos leitores, a bibliotecária demonstra o aspecto afetivo relacionado à leitura (FRIER et al., 2006), bem como revela um jogo ritualizado de dependências e interesses, onde geralmente o prazer do ato de ler é refletido ainda na fase da alfabetização, ao que a mediação leitora é fundamental para a descoberta da função dos processos de leitura e escrita enquanto instrumentos de interação social e acesso cultural.

Em outras palavras, para se entrar na “cultura escrita” (FRIER et al., 2006), que engloba o processo de alfabetização e letramento, precisamos ser instigados a isso, o que pode ocorrer

na exploração dos mais diversos sentidos – tato, olfato, visão, audição. Mas ainda, mesmo que aprendamos a ler e a escrever, ou seja, mesmo que alfabetizados, não necessariamente isso nos torna letrados, ou seja, que nos envolvamos de fato nas práticas sociais e culturais de leitura e escrita. Esses dois conceitos – alfabetização e letramento –, confrontados por autores como Soares (1998), são assim fundamentais para o trabalho da mediação leitora de profissionais como o bibliotecário.

Além de se dedicar ao público-alvo, para se conhecer uma biblioteca é necessário refletir e conhecer o seu acervo. Mais do que isso, se faz necessário saber de que maneira se forma o acervo. Segundo a bibliotecária, *“los libros se adquieren a través del ministerio de la educación; el gobierno se ocupa de que el ministerio de la educación haga la compra de las distintas librerías, para las bibliotecas escolares, en los distintos niveles de enseñanza”*.



[IMAGEM 01 - Vista parcial da biblioteca]

Porém, a fonte governamental não é a única com a qual se relaciona a biblioteca. A bibliotecária prossegue: *“También se reciben donaciones, por ejemplo, yo recibí hace poco una donación de una familia, de la familia de un niño, [...] me donaron una caja de libros, de cuentos clásicos, de mucha utilidad para la biblioteca. Entonces la enseñanza primaria es donde tenemos los libros sencillos, muy buena donación. Y por otros personajes que se han mudado por cualquier motivo que hayan tenido, cuando han donado un libro importante para la biblioteca”*. A doação é uma forma comumente utilizada na formação de uma biblioteca, e para a realidade cubana, ao considerar a aquisição de materiais, contar com contribuições e apoio da comunidade é de grande valia.

Abrimos um parêntese nesse aspecto para reiterar a função da obra literária na formação humana, não excluindo a importância de obras distintas. Nos referimos à obra literária enquanto

uma necessidade humana no que tange ao consumo de fantasia, segundo Antonio Candido. O autor indica que:

[...] por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 2012, p. 83).

A promoção de obras literárias no acervo bibliotecário é fundamental para, entre outros aspectos, possibilitar o contato do leitor com a fantasia. Também, é preciso considerar que a promoção da leitura crítica-reflexiva não permite que o leitor saia inerte da obra. Somos, assim, formados cognitivamente pelo que ouvimos, presenciamos, realizamos e também pelo que lemos, ainda que esses processos nos pareçam implícitos.

Portanto, precisamos ainda apontar a mescla resultante entre biblioteca pessoal e biblioteca pública nos casos de obras doadas para o acervo, considerando que a biblioteca escolar “deverá fornecer toda a espécie e tipo de materiais essenciais à obtenção dos objetivos dos currículos, satisfazendo ao mesmo tempo aos interesses, necessidades, aptidões e objetivos dos próprios alunos” (FERREIRA, 1978, p. 9). O que Ferreira sintetiza como função da biblioteca escolar, pode também ser entendido como um desafio, sobre o qual ações como doações pessoais e governamentais de acervo auxiliam no desenvolvimento dessa diversidade.

Entre materiais de doações e aqueles adquiridos pelo governo, a bibliotecária possui anotado no registro do acervo a presença de 2.611 livros disponíveis para a comunidade, já que destacou que a biblioteca é um espaço aberto e que o empréstimo de livros e o espaço de consulta não se restringe aos alunos. As obras estão organizadas em categorias de classificação e disponibilizadas entre estantes e espaços de exposições para livros do mês em destaque, como exemplificado na foto abaixo.



[IMAGEM 02 - Exposição mensal temática de clássicos infantis]

Hauser (1977) descreve a biblioteca como uma instituição responsável pela circulação do bem cultural que é a literatura, ou de outros bens – históricos, artísticos, entre outros – que possam estar presentes nos livros. O que levou ao questionamento feito sobre a circulação dos materiais de leitura, ao que a bibliotecária contestou: “*El préstamo de los libros funciona. Hay el préstamo en sala, que realizan los niños cuándo vienen a leer acá en la biblioteca o vienen hacer alguna tarea, una investigación. Ellos cambian de libro y realizan su trabajo, lo leen, lo entregan aquí en mi mesa y yo lo ubico con lo restante*”. Ainda sobre como os empréstimos ocorrem, a bibliotecária complementou: “*Cuarto, quinto y sexto ubican libro en la estante, teniendo en cuenta la clasificación, de acuerdo con la materia donde están. Y entonces hay el préstamo circulante, que es el que el niño pide el libro y lo lleva a la casa. Siempre cuando haya más de un ejemplar. Cuando hay un único ejemplar, no lo prestamos. Lo utiliza aquí*”.

Notamos que a bibliotecária cita dois tipos de empréstimos: o que é feito para consulta local, para pesquisa e resolução de trabalhos por parte dos alunos; e o empréstimo identificado como “circulante”, em que os alunos levam os livros para casa, ainda que na mesma intencionalidade.

Junto à questão do empréstimo de livros, Ferreira (1978) sintetiza as demais responsabilidades da biblioteca escolar, conforme atribuições da *American Association of School Libraries*, sendo elas:

- a) proporcionar materiais que enriqueçam e apoiem o programa de estudos e levem em conta os diversos interesses, aptidões e níveis de maturidade dos alunos,
- b) oferecer elementos que estimulem o desenvolvimento do conhecimento dos fatos, o gosto literário e a avaliação estética e ética;
- c) fornecer uma base suficiente de informação que permita aos alunos formularem juízos inteligentes em sua vida cotidiana;
- d) proporcionar materiais que focalizem questões controvertidas, sob pontos de vista opostos, de tal forma que os jovens cidadãos possam exercitar-se, sob a orientação de um professor, na prática da leitura e do pensamento críticos;
- e) fornecer materiais representativos dos vários grupos religiosos, étnicos e culturais bem como suas contribuições para o patrimônio nacional;
- f) colocar os princípios acima da opinião pessoal e a razão acima dos preconceitos na seleção dos melhores materiais, com o objetivo de reunir uma grande coleção, realmente adequada aos seus usuários (FERREIRA, 1978, p. 11)

Ainda em relação ao empréstimo do acervo, destacamos a responsabilidade compartilhada com os usuários da biblioteca cubana. Em caso desses cursarem os anos mais avançados do ensino primário, são responsabilizados por devolver pessoalmente o livro ao acervo. O que representa uma proposta interessante, já que o leitor interage mais com a

biblioteca, participa de sua organização e pode se sentir parte do processo de disponibilização e difusão do acervo em categorias.

Em conversa com a bibliotecária, foi possível compreender como ocorre o empréstimo aos alunos que estão nas primeiras fases do ensino primário e ainda não são alfabetizados. A presença dos pais é mais constante na realidade destes alunos mais jovens, pois os tutores, na hora de buscarem seus filhos ao final do dia letivo, têm a possibilidade de, junto à criança, realizar o empréstimo de um livro e, posteriormente, propiciar a contação da(s) história(s) no ambiente familiar. Assim, a biblioteca escolar possibilita que o elemento central da mediação leitora, ou seja, o livro, seja compartilhado em um ambiente extracurricular, da mesma forma que divide com os responsáveis pelo aluno a função de mediação e formação leitora, com vistas ao letramento. Ao ofertar essa possibilidade às famílias, também se nota a percepção de que, para essa instituição de ensino, a leitura compartilhada é um processo contínuo, monitorado e eficazmente necessário, viabilizado pela figura dos mediadores.

Em mesmo sentido, Frier et al. (2006) reiteram que neste processo de alfabetização e letramento, duplamente compartilhado pela família e pela escola da criança, a mediação leitora não pode efetivar-se ao desdém, ao contrário, “para que essa mediação do adulto realmente faça sentido para a criança, é necessário que ela encontre seu lugar na interação como co-construtora do sentido e, portanto, que tire proveito, neste quadro, de um verdadeiro estatuto de interlocutor” (FRIER et al., 2006, p. 330).

Quando perguntada sobre o tempo de empréstimo dos livros, a bibliotecária respondeu que: *“Pueden llevar un libro para leer por día, según la extensión de la obra. Después se le hace de nuevo el préstamo”*. Uma das preocupações recorrentes nas bibliotecas brasileiras é a falta de retorno dos livros. Muitas bibliotecas escolares mantêm seus acervos fechados e apenas permitem o acesso com as obras dentro dos limites da escola.

Com base em pesquisas anteriores, destinamos à bibliotecária cubana a pergunta sobre como funciona no caso de obras que não são devolvidas: *“Cuando no vuelven para la biblioteca nosotros nos comunicamos con su familia, o vamos hasta su casa y casi siempre, la mayoría de las veces, recuperamos. Cuando no llega, tratamos, por lo menos yo, en mi particularidad, si es un libro que está en las librerías, los repongo. Lo compro y lo repongo.”*

A bibliotecária relatou que não é aplicada nenhuma multa nem penalidade de não retirar mais livros, como em muitas bibliotecas brasileiras. Diante da realidade dessa escola, foi possível constatar que poucos são os casos de livros que não voltam para as estantes. O que julgamos como fator preponderante para a proximidade do ambiente escolar com os pais.

Patte (2012, p.35) relata sobre a ausência de medo no empréstimo dos livros e sobre a importância de o leitor compartilhar em casa o que vive na biblioteca. Sem medo de perder o acervo, a biblioteca não pode ser apenas um local de consulta, deve possibilitar que seu conteúdo circule na sociedade por meio de empréstimos do acervo e outros projetos que levem o livro ao público, bem como através de outras funções de mediação cultural, tais quais exposições de obras de arte, apresentação de peças teatrais, divulgação e realização de concursos etc.

Cabe ressaltar a posição comprometida da bibliotecária, a qual declarou que se um livro não foi devolvido ao acervo e está disponível nas livrarias, ela mesmo compra e devolve ao acervo. Ou seja, comprometendo-se com a reposição de uma obra sem remuneração para tal.

Quando perguntada sobre livros em outras línguas, a bibliotecária explicou que existem poucos livros no acervo, sendo estes em língua inglesa. Consultando-os, nota-se que são bilíngues, espanhol e inglês. Segundo a funcionária, os poucos livros em tal formato foram doações e são destinados à faixa etária infantil, identificados na categoria da biblioteca como “*sencillos*”. Neste aspecto, observar o pouco acervo de obras em outras línguas é relevante por possibilitar um entendimento do quanto a biblioteca escolar cubana está aberta ao mundo, e igualmente uma forma de caracterizá-la enquanto instituição.

Assim, podemos observar que a biblioteca cubana não tem a preocupação de garantir o acesso do usuário à obras em línguas estrangeiras, ao contrário, valoriza veementemente a circulação de materiais em língua espanhola e que reiterem a formação nacional e a constituição do sistema socialista no país. Além da pouca presença de livros em outras línguas, apenas alguns em língua inglesa e provenientes de doação, destaca-se que a biblioteca não possui computadores para consulta, sendo exclusivamente de tipo tradicional, conforme definido por Marchiori (1997). Considerando a realidade cubana e suas delimitações quanto ao uso de internet, acredita-se que a obsolescência do sistema bibliotecário em sentido informacional e exclusão de artefatos das tecnologias da informação (TIC's) seja mantida por tal fator.

As pesquisas, segundo a bibliotecária, são realizadas principalmente nas enciclopédias ou outros livros de teor científico, bem como utilizando o laboratório de informática, no qual apesar de os alunos inclusive realizarem algumas aulas, até o momento da visita os equipamentos não possuíam acesso à internet, mas a instituição aguardava pela instalação da rede. O professor responsável mostrou que as pesquisas são realizadas em bases de dados (enciclopédias digitais), além dos equipamentos serem ocupados para jogos educativos e produções textuais.

Observa-se que a biblioteca não possui função de midiateca. Segundo Rösing; Becker (2002, p. 26), “a escola não pode desconsiderar que, entre as estratégias a serem utilizadas para promover educação e cultura, encontram-se as inovações oferecidas pelos recursos multimídias”. Porém, o laboratório de informática possui uma função complementar à biblioteca.

Sobre os outros materiais de leituras presentes na biblioteca, foram identificados e reafirmados pela biblioteca a predominância do gênero textual revista, ao que a bibliotecária complementa: “*Revistas, revistas infantiles, porque aquí en Cuba se editan unas revistas Zun zun para niños. Están las revistas Pionero, que es la revista para los niños ya de doce a catorce años.*” Além dos relatados pela bibliotecária, pôde-se observar a presença de mapas, cartazes temáticos para ensino, maquetes, entre outros.

Em uma estante em destaque, o acervo possui livros de José Martí. A bibliotecária identificou a estante como base para a biblioteca escolar, contendo livros fundamentais para a formação educacional e leitora da população cubana. O cubano José Martí (1853-1895), além de político, intelectual, jornalista e filósofo, dedicou-se a escrever obras literárias para o público infantil e tentou reunir em seus livros conhecimentos que considerava pilares para o ensino de seu povo. Alguns autores como Coelho (2009) entendem que a importância social de pensadores como Martí engloba questões como um sentimento de atemporalidade, pois, para muitos leitores, a semelhança do que o autor escrevera no século XIX continua concernente com a atual realidade.

Santos (2012) realiza um estudo analítico sobre os pensamentos econômicos de José Martí, sintetizando que ele foi o principal responsável pela fundação e liderança do Partido Revolucionário Cubano, “organização responsável por retomar a guerra pela independência de Cuba em 1895, quando a ilha encontrava-se sob dominação espanhola” (ibid., p. 128), na qual perdeu sua vida.

Questionando questões como a natureza do homem e as formas de conhecimento, Martí rejeitava o padrão civilizatório ocidental, indicando que este era marcado pelo ódio de classe como padrão de conflito social, sugerindo em seus trabalhos um princípio desenvolvimentista humanista, em que “a chave desta outra modernidade para o continente americano é a autoctonia, o que significa criar formas políticas, econômicas e culturais próprias, sintonizadas com o espírito-maneira martiana de referir-se à identidade – destes povos” (SANTOS, 2012, p. 129). Assim, podemos supor que o destaque na biblioteca para as obras deste autor dá-se por sua importância frente a princípios desenvolvimentistas e de exacerbação da cultura nacional.

Na oportunidade, a biblioteca também possuía um espaço dedicado a personalidades históricas do país. Composta por uma mesa e parede para cartazes e fotos, o espaço brindava homenagens a líderes nacionais, como Fidel Castro e Che Guevara. Foi possível reconhecer a biblioteca escolar como espaço crucial na manutenção e propagação dos símbolos nacionalistas cubanos. Os diários escritos por Che Guevara foram identificados pela bibliotecária como obras de leitura obrigatória na vida escolar de um aluno cubano.

Fazendo um parêntese, podemos nos questionar então o que há em comum entre as figuras de José Martí, Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, e porque estas são destacadas no ambiente escolar. Sobre esse fato, fazemos aqui algumas suposições com base nos aportes teóricos de Szezecinski; Hauser (2017) e Kohan (1997): 1) A Revolução Cubana de 1959 e sua resultante consolidação do sistema socialista no país são referenciadas pelos órgãos oficiais como um “divisor de águas” na história cubana; 2) A educação cubana, da mesma forma que outros setores sociais, compromete-se com a reverberação da história da constituição nacional; 3) As figuras dos líderes sociais são tratadas com máximo respeito e importância por instituições como as escolas; 4) As bibliotecas escolares entendem que a leitura compartilhada inclui antes de qualquer aspecto o conhecimento e a valorização da formação política e econômica nacional; 5) O conhecimento desses indivíduos é fundamental para o sujeito cubano, enquanto forma de valorizar a luta e os avanços obtidos pela promoção da Revolução Cubana, bem como criar uma ideia de “modelo de cidadãos” ou de “heróis nacionais”.

Para além dos símbolos históricos, outro espaço descrito pela profissional como especial na biblioteca é uma espécie de estante, caracterizada por possuir uma exposição temporária de obras por temática. Por ser uma exposição pensada pela bibliotecária ou por professores, corresponde a uma opção de mediação leitora, uma vez que busca relacionar aspectos de distintas obras e confrontar ou, ao menos, aguçar os leitores. Durante a visita, a exposição em questão era formada por clássicos infantis, incluindo obras nacionais como *El camarón encantado* de José Martí e obras do imaginário infantil mundial como *La sirenita* de Hans Christian Andersen.

A ideia de uma estante temática revela como a biblioteca tenta interagir com seus usuários por meio de aspectos como a curiosidade e a explanação de obras para além das prateleiras comumente utilizadas, bem como entende que a mediação leitora pode partir de um interesse discente. Conforme Patte:

A biblioteca não pode ser um lugar confinado. Ela está em toda parte, lá onde, em torno de um adulto que desperta as curiosidades e as inteligências, as

crianças vivem belas relações com o livro. A biblioteca se abre a todas as gerações, ela se torna parte da família. Mas a infância tem aí um local especial. Sempre com o livro. Todas as artes, assim como a internet, devem estar presentes. O que permanece sendo essencial é a mediação humana que os bibliotecários e colaboradores da biblioteca podem oferecer. (2012, p. 14)

Embora a realidade social e governamental cubana possua características específicas quanto ao acesso à informação – entre outros aspectos –, nota-se que a biblioteca desta escola não é um local confinado. Ações como a abertura ao empréstimo do acervo à comunidade, a não punição em caso de atraso na devolução de obras e a promoção do encontro de pais e filhos na hora de escolher materiais de leitura, são marcas de uma biblioteca escolar aberta, mesmo que se apresentem limitações (em referência a Cuba não contar com a presença da rede mundial de internet de maneira aberta e possível de livre acesso).

Ainda, é preciso salientar que o modelo de educação cubano, supracitado nas entrelinhas desse trabalho, desenvolveu-se, em grande escala, a partir da Revolução Cubana de 1959, assumindo na atualidade a particularidade de visar à educação e à instrução por meio de uma relação voltada ao mercado de trabalho e aos estudos. Segundo Trojan (2008), o desenvolvimento gradual das políticas educacionais no país permitiu a consolidação de um sistema nacional resolutivo, o qual “constituiu-se em um instrumento fundamental na definição das políticas e normas comuns para garantir a unidade e a efetividade das políticas e planos definidos, além da igualdade na qualidade de toda a educação ofertada, que é inteiramente pública e gratuita” (p. 56).

Sobre a função de mediadora de leitura, a bibliotecária descreve: “*Bueno, para animar la lectura no es muy fácil, no es un trabajo fácil, pero, a través de las distintas técnicas que utilizamos y mucho trabajo, sí, me siento animadora*”. Conforme a participante da pesquisa, a função de mediação não é tarefa fácil, sendo de grande responsabilidade, por influenciar na formação leitora de um cidadão. Além das funções descritas anteriormente, a participante realiza contações de histórias coletivas, exposição de conteúdos temáticos por meio de murais e promove competições de leitura na biblioteca, partindo de três pilares da leitura: conteúdo, interpretação e aplicação da leitura.

Os momentos de socialização de leitura são descritos pela bibliotecária: “[...] *tenemos desde la formación del niño como lector en todos los aspectos, nosotros les damos a conocer un niño a referencias históricas, culturales, nacionales e internacionales, y hay niños que fija ese eje, ese conocimiento sobre la historia de nuestra patria, lo fija en la biblioteca a través del trabajo de la biblioteca. Contamos con un laminario sobre historia, sobre la literatura clásica, y la literatura nuestra, literatura cubana; sobre cuentos clásicos y sobre pinturas,*

manifestaciones de arte”. Nota-se que, para além da preocupação com a circulação da leitura literária, realizam-se socializações diversificadas e que atendem a variadas manifestações artísticas.

Em suma, nos parece ser possível afirmar que a biblioteca escolar cubana representa a cultura nacional e visa a utilizar os elementos de mediação e leitura compartilhada como maneiras de fomento à leitura no sistema educacional.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, por várias vezes, referimo-nos às bibliotecas como importantes instrumentos de mediação cultural, as quais indiferente aos modos de existência – física ou virtual – proporcionam que os diversos materiais circulem pela sociedade. Também, salientamos que para que isso ocorra é imprescindível a figura de um mediador cultural, que no caso do bibliotecário se torna também um mediador de leitura. A função de mediação está intrinsecamente relacionada à formação de leitores ativos, aptos ao pensamento crítico-reflexivo e que buscam o “prazer da leitura”.

Ainda, buscamos reiterar que o termo “leitura” engloba distintas representações discursivas, embora associado majoritariamente ao campo linguístico da oralidade e da escrita, e o qual, associado ao espaço bibliotecário, assume a missão de alcançar os não-leitores e promover uma posição de enfrentamento das classes dominantes e percepção contextual.

Outro conceito chave que destacamos ao longo do trabalho é o de “leitura compartilhada”, decorrente do compartilhamento majoritário de obras literárias, o que permite que a leitura assuma um caráter socializador e uma dinâmica informacional e comunicativa entre os usuários. É enfim o que torna a leitura significativa, o que permite que, além de alfabetizado e letrado, o aluno seja inserido e se veja representado na leitura.

A partir da visita à escola cubana – que permitiu uma observação crítica da biblioteca e dos resultados obtidos – e por meio da entrevista realizada com a bibliotecária, foi possível advir uma análise e descrever a biblioteca escolar de La Habana. Portanto, foi considerado que a biblioteca possui um espaço aconchegante, que atende as necessidades de trabalho e estimula a leitura coletiva e de maneira compartilhada. A seleção separada das obras de José Martí, assim como os símbolos do nacionalismo cubano, garante a conservação de obras/elementos considerados pertinentes à formação social. É um meio de valorização de parte do acervo e serve de referencial para a disciplina de civismo, obrigatória do ensino cubano.

Destaca-se ainda a relação entre a biblioteca, bibliotecária e alunos da escola cubana. O fomento da autonomia criada com os alunos maiores na devolução dos livros para o acervo é primordial para que se sintam parte atuante da escola e da biblioteca. O acesso entre leitores e, especificamente nesse caso, com os livros compartilhados, garante uma aproximação e responsabilidade com os materiais utilizados. Segundo Hauser:

Constituyen las raíces por las que circula la evolución de la historia del arte, determinan la dirección que toma el cambio del gusto, hacen bien evidente que tanto el acto creador como la vivencia receptora artísticos son procesos sociales y que el contenido de una obra de arte no se vierte directamente de un alma a otra, de un individuo a otro, sino que pasa por un número de instancias de índole tanto personal como objetiva, antes de hallar eco. (HAUSER, 1977, p.622)

Ou seja, a relação com os livros ocorre em duas instâncias. A profunda, em que a literatura, enquanto obra de arte, encontra eco. E a física, em que os alunos se sentem responsáveis pelos livros e pelo acervo da biblioteca. É um indício complementar ao ato de empréstimos, pois a ausência de punições ou multas no caso de falta de retorno do livro, faz com que o leitor se sinta responsável em manter o acervo da biblioteca e não apenas em devolver para não sofrer consequências pessoais ou financeiras.

Apesar da omissão do nome da bibliotecária, a descrição do estudo técnico auxilia a entender a importância da formação para esta função. Segundo Patte (2012, p. 14), “o que permanece sendo essencial é a mediação humana que os bibliotecários e colaboradores da biblioteca podem oferecer”. Os estudos realizados pela bibliotecária – para além da parte de aquisição de conhecimento sobre acervo e catalogação, bem como de fomento do currículo – indicam uma efetiva preocupação com a formação leitora, o que ressalta a mediação entre bibliotecário e leitor, considerada de fundamental importância.

Parece-nos, assim, que a pictorialidade de La Habana está presente em pequenos aspectos, como a biblioteca descrita, os alunos observados, a maneira de conduzir práticas de leitura compartilhadas, a janela da biblioteca que tende para a praça pública, o estímulo ao civismo, os murais de homenagens aos líderes revolucionários, a presença de mediadores de leitura comprometidos com o desenvolvimento cultural, as marcas de saudade deixadas na alma dos turistas etc. Com isso, abre-se espaço para futuras pesquisas sobre bibliotecas escolares e outros espaços cubanos e suas promoções de patrimônio cultural.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: SOUZA, R. J. de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. P. 1-11.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de males**, Campinas, p. 81-90, 2012.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Biblioteca Ayacucho: Exílio Latino-americano e Perspectiva Político-cultural:(meados de 70 e 80). In: **Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 1005-1013, 2009.
- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, p. 9-16, jan./jun. 1978.
- FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.
- _____. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980.
- FRIER, Cathy. Leituras dialogadas: alguns aspectos interacionais dos rituais de leitura compartilhada. Tradução: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Rosana Lourdes de Castro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 327-359, 2006.
- HAUSER, Arnold. **Sociología del arte: 4. Sociología del público**. Segunda edición. Ed. esp. Editorial Labor, S. A. Calabria, 235-239, Barcelona-15, 1977.
- KOHAN, Néstor. El Che Guevara y la filosofía de la praxis. **Dialéctica**, Chile, v. 31, p. 117-140, 1997.
- LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 72, p. 55-72, 2011.
- MARCHIORI, Patricia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, 10 p., 1997.
- MARTOS, Eloy; CAMPOS, Mar (Org.). **Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura**. Espanha: Ed. Santillana, 2013.
- MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.6, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1978.
- PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam / Geneviève Patte**; tradução de Leny Werneck. - Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PETIT, Michèle. **Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- _____. **Leer el mundo**. Experiencias actuales de transmisión cultural. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A., 2015.
- RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Marília: 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 169 p.
- RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./ abril 2014.
- RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta. 2009.
- RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo. **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Universidade de Passo Fundo, UPF Editora, 2002.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. Em torno ao pensamento econômico de José Martí: premissas ideológicas e horizonte civilizatório de uma utopia latino-americana radical. **OIKOS**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 127-138, 2012.

SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In: SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 10 p., 1998.

SZEZECINSKI, Ana Caroline Maciel; HAUSER, Vanessa. A etiqueta da Morte de Fidel Castro-o acontecimento da morte da figura histórica no jornalismo. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 15 a 17 jun, 2017, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017, 15 p.

TROJAN, Rose Meri. Educação básica e formação docente em Cuba: prós e contras. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 2, n. 3, p.53-64, jan./ jun. 2008.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-in-formação**, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan. / abril 1990.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 1988-2012.